

ARTHUR AGUEDO
DIRECTOR

LUIZ MASCARENHAS
REDACTOR

FERREIRA DA SILVA
Administrador-gerente

O ALGARVE

SEMANARIO INDEPENDENTE

Domingo, 6 de dezembro de 1908

ASSIGNATURAS

Pagamento adiantado
Por tres mezes... 400 réis

PUBLICAÇÕES

Na secção de Anuncios
Cada linha..... 20 réis
Na 1.ª e 2.ª paginas as publicações são feitas por contracto especial.

Officinas de composição e impressão
Rua d'Alportel, n.º 10

Propriedade da empresa da
O ALGARVE

Endereço telegraphico «ALGARVE»
Redacção e administração
Rua d'Alportel, n.º 12

A GRÉVE

Cada vez apparece mais aggrava da esta deploravel questào, que traz levantada n'uma lucta enorme a população de Villa Nova de Portimão, e em sobresalto e inquietação todos os habitantes d'aquella villa.

Factos sobre factos surgem mais graves fazendo caminhar para uma deploravel irreducção o conflito levantado

Aqui temos dito, nos nossos anteriores artigos, que não é com praticas irritas, nem com intransigencias absolutas, que esta lucta d'interesses de classes humildes com o seu capitalista industrial pode ser resolvida.

E' preciso elevação de sentimentos e grandeza de alma de um e outro lado para se achar a solução conveniente a tanto interesse perturbado.

Interesse que não é já só dos questionantes exclusivamente mas de toda a população d'uma villa que crea a o seu modo de ser actual muito correlacionado com aquella industria.

Em Portimão, a forma alastra com horrores não só por entre a população operaria como n'outras classes.

Ainda na quinta-feira a classe commercial d'aquella villa, que muito está sofrendo na paralisação trazida por aquella interrupção de trabalho na collectividade, se reunia e no intuito de se organisar uma missão de conciliação entre o operariado e o sr. Fialho.

Mas como operar n'esta diligencia de harmonisação e regresso á normalidade do viver industrial de aquella fabrica, se a situação discordante entre os operarios e o sr. Fialho avança n'uma irritabilidade quasi irreductivel!?

Que ninguem se illuda com processos d'austeridades e exageradas pressões!

Em regra esses processos, pelo que se tem visto em movimentos de esta especie, collocam sempre em mais escabrosas situações os intransigentes.

A situação anda muito grave, du ro é dissel-o, e toda a gravidade resulta de intransigencias moraes que sacrificam todos os interesses materiaes ligados á questào.

O sr. Fialho tem á certa grandes prejuizos já determinados n'este conflicto mas não os tem só o sr. Fialho; tem iguaes e superiores interesses sacrificados a numerosa classe dos seus operarios, com cujo trabalho cresce a sua finança, a população sua patricia tambem o está fitando com aspiração no seu altruismo e nas demonstrações que tem dado do seu alto espirito patriota.

Sobre o interesse que joga n'este já grande desastre deve pensar que uma população inteira, que nunca lhe negou affecto e consideração, espera de si a palavra de paz que permitira reguar o debate em termos de leal e honesta conciliação, unico caminho a seguir!

Não pense s. ex.ª que os humildes estão sós na sua aspiração d'equidade; no que elles pendem de justo e rasão el yem acompanhado de uma população já hoje integrada n'essa lucta.

Se nos humildes não ha justiça, ninguém pretende que lhe attendam a pedidos impossiveis, mas um pedido de paz e conciliação obriga todos a submeter se e o que a villa de Portimão hoje sollicita do sr. Fialho,

que é filho d'aquella terra, é que lhe restitua a paz e a tranquillidade de todos desejada, pela manifestação de seus propositos de uma conciliação sincera, leal, sem represalias, nem vinganças n'aquelles que em trabalho o ajudaram a levantar o prestigio da sua industria e a realizar os lucros da sua aspiração.

Ecos da Semana

Governo militar

Pelo que vemos de jornaes e informações diversas, que nos são transmitidas, ha perfeito estado de sitio em Villa Nova de Portimão. A administração civil foi entregue ao commandante da força militar e está, ao que parece, suspensas as garantias n'aquelle concelho!

Mas que motivos d'ordem publica deram causa a esta resolução tão extraordinaria da administração publica?!

Suspensão de garantias por motivo de uma gréve!

Que factos d'ordem publica inutilisaram a acção da autoridade civil?!

Que decreto legalisa aquella situação anormal da vida politica portugueza?

Em que lei se fundou o representante da autoridade civil para abandonar sem motivo as suas funções e que lei determina que o commandante das forças militares esteja a governar em territorio portuguez nos cidadãos, que tem a sua constituição e o seu regimem social de liberdade?!

Estamos a ver que a inconsciencia das autoridades arranhou ali uma bota que ha de dar-lhe que fazer no descalçar!!...

Sangue novo

Não ha nada como o sangue no o a rejuvenescer os corpos, mesmo quando se hão corpos administrativos como agora foi o da municipalidade de Faro.

Logo no dia immediato ao da posse dos novos representantes municipaes e já distribuidos os pelouros pelos seus respectivos tutelares por ah foram vistos em animação febril a cuidar dos novos encargos.

O que mais deu nas vistas foi uma novidade de illuminação nocturna em noite de luar... mas em luar ensombrado por nuvens negras!

Is'o não se via d'antes; e nós por ah andamos em trambulhões sobre atoleiros e poeiras, só pela simples rasão de que h'via luar... escondida.

Bem lembrada resolução, pois!...

No lyceu d'Amarante

Segundo vimos n'uma folha da capital da semana passada, tambem no lyceu d'Amarante se deu um caso de preterição d'um professor em termos mteiramente analogos, ao que se deu no lyceu de Faro com o nosso collega Luiz Mascarenhas.

Tambem ali o reitor d'aquella lyceu havia proposto para a regencia das disciplinas das linguas inglesa e allemã um individuo preterindo outro que tinha onze annos de serviço no mesmo lyceu.

O sr. ministro do reino, sobre parecer da Direcção Geral d'Instrucção Publica, ordenou que o serviço fosse em regue ao desattendido professor: fez despejar o intruso.

Não ha a pois duvida de que os termos da circular, que regula o serviço da distribuição de serviços nos lyceus, respecta o tempo do serviço

como primeira categoria n'essa distribuição.

Jacobinismo ou unidade?

O nosso dilecto amigo, sr. Francisco Gomes Sanches, de Villa Real de Santo Antonio, sem duvida, um dos mais respeitaveis cavalheiros da nossa sociedade, bem considerado e muito apreciado no seu caracter, tem vivido sob a nacionalidade hespanhola e requereu ultimamente para se naturalisar cidadão portuguez.

Mas n'este paiz qualquer insignificante autoridade se julga com direito a sobrepôr-se ás leis e o administrador d'aquella villa conserva fuchado a sete chaves o requerimento do sr. Gomes Sanches.

Quando é pois que sua senhoria quer dar licença ao sr. Gomes Sanches para ser cidadão portuguez?!

Incrível!

Abuso:

Vimos na quinta-feira um individuo, que nos não consta ter sido e leitor vereador da camara, a dar ordem ao cabo Manoel Gago e a um zelador, sobre servicos respeitantes á mesma camara. Se isto assim começa, vamos mal, pois nós não estamos resolvidos a deixar, sem o nosso protesto, que qualquer *quidam* dizendo se commissionedo pelo sr. vice-presidente, esteja a governar no que é nosso sem que para isso por nós esteja legalmente autorizado. Muito cuidado, pois, se não querem que lhes digamos algumas verdades amargas.

Em sorte:

O sr. Inspector Escolar da Instrucção Primaria fez saber no *Distrito do Faro*, desta semana, que o sr. governador civil lhe enviara a quantia de dois mil e quinhentos reis para auxiliar a festa escolar!

Vamos lá que, com a fortuna do sr. Lopes dos Reis, o seu ordenado de governador civil sem trabalhar e o bihete permanente de borla no caminho de ferro, já foi as escolas estarem com muito sorte em receberem de sua ex.ª o donativo de 2 500 reis!

E não ha-de progredir a instrucção com tão valiosas benemerencias?!

Zursido e espadreado

Em Villa Nova de Portimão um individuo inteiramente e tranho ao movimento da gréve e que assistia indifferente e tranquillo ao embarque dos presos, que eram condusidos para bordo de uma canhoneira, n'aquelle porto, convertida em cadeia civil, fo zursido á espadreada pelo a feres commandante da força que escolava os presos!

Bellasas do *governo militar* a que a autoridade civil submetteu o direito dos cidadãos d'aquelle concelho!

Mas quem responde por tudo isto?!

Abandono

Na freguezia de S. Pedro d'este concelho não houve eleições no passado domingo por não ter comparecido o pessoal da meza eleitoral!

Que manobra politica andará oculta n'esta falta de comparecencia politica do pessoal ás ordens dos organisadores eleitores?!

Aqui anda grosso misterio!

Perigos

O commandante da força militar destacada em Portimão e que ali assumio a manutenção da ordem, pelo abandono de funções da auctoridade civil, não consentiu que n'aquella villa se realisasse uma reunião da Associação da classe dos soldadp-res.

Foi coherente com a suspensão de garantias *in decreto* que ali fora estabelecida.

Real sou a mesma autoridade militar diversas prisões e esses presos foram de noite conduzidos para bordo da canhoneira Lagos, que os transportou para esta cidade. *á ordem de que juiz?!*

Não sabemos á ordem de quem ficam estes presos nem que culpas lhes será dada em no a, ou se é a lei de 13 de fevereiro que lhes vae ser aplicada.

Tudo isto está sendo extraordinariamente grave!

O sr. Ministro do Reino não deve consentir que se tomem resoluções levianas em assumptos de tanta gravidade.

A ordem publica é uma necessidade de ser mantida, mas é preciso cuidado de não cahir em maior desordem e a não observancia das leis é a peor de todas as perturbações da ordem.

A's vezes uma pequena faulta pode produzir um grande incendio!

Repetimos: cuidado e muito cuidado com o que se es á passando em Portimão

Não gravissimas as responsabilidades.

O Cabrion do sr. Netto

Ainda não haviam passado 48 horas depois da posse da vereação, já elle ali andava dando ordens ao cabo de policia civil *destacado* na camara á razão de cem reis por dia e *puls. Torre*, e a um zelador—pagador da mesma edillidade, sobre assumptos municipaes.

Porque o não faria, o sr. Netto, vereador? Por haver incompatibilidade de com o lugar de fazenda que o seu *cabrion* exerce apenas com o *arduo* trabalho de assignar o recibo do respectivo vencimento no fim do mez?

Talvez, e d'ahi a razão porque, na impossibilidade de o *cabrion* ser membro da municipalidade farense, é membro do sr. Netto... na lingua, para as correlativas ordens.

Um prior com medo

Somos informados por pessoa fidedigna que o ministro do Senhor, n'uma freguezia proximo a Villa Real de Santo Antonio, que já nas eleições camararias se salientara pelo desplante e falta de dignidade com que negou a identidade a dezenas de eleitores, que conhece quando recebe a congrua, se evidenciou mais uma vez, mas d'esta como emérito poltrão, como aliaz são todos os satellites do falido conselheiro *Latas*.

Foi o caso que, depois de ter mandado tocar á missa, em Cacella, (oh! demonio, que lá escorregámo) no domingo passado, em que se realisaram as eleições parochiaes, este intemerato sustentaculo da Igreja teve tal medo—aliaz injustificado—de qualquer *terramoto* que nem coragem teve para celebrar a missa annunciada, constando pela sua *governante* que a roupa branca mudara de côr.

E é d'esta raça e qualidade toda a cambada que acolyta o celeberrimo *Latas!*

Eleições parochiaes em Villa Real de Santo Antonio

Realisaram-se no domingo ultimo, n'aquella villa estas eleições que constituiram mais um triumpho para a glorioso (?!?) partido progressista.

Esta facção composta dos mais notaveis *cavalheiros industriacs* da villa, mas uma vez evidenciou o seu poderio, abandonando a urna!!!

A presidencia, na villa, fóra dada

ao tilast o de Olhã... esta nobre villa para ali remetida por medida sanitaria; a de Cacella pertenceu ao *menino sem pre certo*, o mais safado dos *Pons Joanna de Sousa Barbinhas* do Guadiana, que o levou ao seu entusiasmo e dedicacão a constituir uma meza com individuos que não sabiam ler, nem escrever! Que intelligencia!

A folhas tantas desistiram ambos... pelo seguro!

O sr. governador

O qua i in isível cavalheiro, membro da commissão que civilmente governa o districto de Faro, acaba de passar pelo desgosto de receber uma *pequena repimenda* por se matter em cousas que lhe não dizem respeito, mandando prohibir a eleição dos corpos gerentes do Compromisso Maritimo de Villa Real de Santo Antonio, annunciada para o dia 1 do corrente, em que não tem ingerencia, visto que n'ellas apenas superintendente o conselho regional

O nobre e esculpeculo magistral, mais uma vez quiz demonstrar a sua ignorancia das leis, a sua mapiidão e a sua passividade obdecendo cegamente ás ordens que he dá a firma *Latas, Negro, Tiganis & C.ª*, nas mãos de quem se manifesta o mais obediente dos fantoches!

Recommendamol-o á companhia do *Bijou Theatre* onde no genero promete vir a ser um esrella!

O LYCEU DE FARO

Luiz Mascarenhas
Liquidações pelo proprio

Os nossos leitores e as pess as que me dispensam a sua consideração comprehendem bem que estando eu no serviço de um estabelecimento regido pelo sr. dr. José Antonio Vasco Mascarenhas, se torna para mim de bastante escruplo, azedar ou mesmo manter as acionias de que me tenho exercido, e os profundos resentimentos que no meu espirito provocam injustas e immerecidas hostilidades.

Mas não se trata aqui de disciplina lyceal ou de serviço publico e só de de aclarar situações que, sem serem explicadas, mantem o meu caracter e o meu brio em situação deprimida perante as pessoas a quem devo consideração.

E' preciso que se saiba que n'um motivo de ordem moral, nem de mereceda: professional deram causa á privação que soffri durante dos annos letivos, dos meus direitos a receber serviço d'ensino no lyceu de Faro, e dos interesses correspondentes a esse direito.

Ao contrario do que devia esperar de todos os meus precedentes de relações particulares e officaes com o sr. dr. Vasco Mascarenhas, só lhe dei uma constante e permanente hostilidade, hostilidade que o levou a praticar incorrectos deveres d'officio e mais incorrectos ainda deveres de bom comportamento, a que eu nunca fui desleal e que já perturbacão se mantem para o momento n'uma obscuridade indesejada.

Pe ante todas as pessoas de bom caráter e na mais leal e sincera verdade affirmo alto e bem comprehensivel que na minha consciencia não sinto a menor leve nota de haver praticado uma deslealdade no meu antigo convivio com o sr. dr. Vasco Mascarenhas, e menos qualquer acto de serviço que desmerecesse o bom juizo que sempre sua ex.ª fez da minha actividade professional, cujo i songeiro attestado se acha affirmado

FESTA ESCOLAR

no proprio processo da minha reclamação.

Em relação, pois, a esta ordem de factos, esta exposição carece de dividir-se em dois capitulos com duas respectivas secções.

No primeiro capitulo terá por asumpo o meu convívio desde 1880 com o sr. dr. Vasco Mascarenhas, na sua primeira secção; n'outra secção serão tratadas as relações officiaes do sr. reitor do lyceu de Faro e do professor Luiz Mascarenhas.

Depois, n'outro capitulo, versaremos o mesmo assumpto com o sr. Lopes dos Reis; mas n'este referiremos uma ordem contraria, isto é; na primeira secção discutiremos o governar civil em frente da reclamação de um funcionario a que as suas funções deveriam ser extranhas e só depois explicaremos como se produziram estes reflexos hostis, irrisos e adversos em actos officiaes, vindos de um tracto pessoal onde ha que achar a situação moral de cada um de nós.

E' possível que a muitas pessoas se affigure que as questões particulares nada tem que vir emperteneçar publico n'elas desinteressado e sem a menor curiosidade, mas evidenciaremos a relação d'essas questões particulares com os factos de ordem official praticados contra toda a regra e todo o preceito de correcção na sociedade, onde quem se presa deseja occupar sempre um lugar de honra e de consideração.

Seguirei no proximo numero o meu relato conforme os intuitos que cabiam de ser exportos.

E para que não haja duvidas sobre as responsabilidades do que vai ser escripto, aqui declaro que taes escriptos, ter o sempre a assignatura.

Luiz Mascarenhas.

Conselheiro Alpoim

O distincto estadista o sr. conselheiro José Maria de Alpoim foi na quinta-feira ultima atruppellado por um carro electrico na rua do Arsenal, ficando magoado e correndo risco a sua vida. Sua excellencia recebeu por esta occasião muitas demonstrações d'interesse e de sympathia.

Jury commercial

No dia determinado pela lei, realizou-se, no tribunal judicial d'esta comarca, o sorteio dos individuos que hão de funcionar, no proximo anno, como jurados commerciaes, dando o seguinte resultado:

1.º semestre

Manuel Evaristo Ponteado, Francisco de Sousa Archanjo, Francisco Guerreiro Alfonso Junior, Francisco José Pinto Junior, João Maria Caetano, João Tavares Archanjo, João Lopes do Rosario, Francisco Santos Correia, Antonio d'Olivera Mai, Francisco Sousa Pereira, João Martins Ramos, Antonio Evaristo Martins, João Pires, dr. José Antonio Vasco Mascarenhas, dr. Arthur Agued, dr. Antonio Caetano Celio Gil, José Alexandre da Fonseca, João Coelho Pereira de Mattos, Conde do Cabo de Santa Maria, Alexandre Maria Ortigão de Carvalho e Joaquim Ignacio dos Santos.

2.º semestre

Manuel Domingos, Mathews Joaquim da Silveira, Manuel Sacramento Sousa, Antonio Salvador Mender, José Guerrero Rebelo, Antonio José da Cruz Manja Augusto Vieira dos Reis, Francisco d'Almeida, João de Sousa Eusebio Junior, dr. Pedro Manuel Nogueira, dr. José Caetano de Mattos Sinchos dr. Manuel de Mello Vaz Sampayo, Constantino Cumano, Paulo Cumano, José Maria da Conceição, dr. Virgilio Inglez, Joaquim Ernesto Cordes d'Avelar, dr. José Emygdio da Conceição Flores, Pedro Antonio Monteiro Barros, Francisco da Luz Clara e Manuel Rodrigues Carrasco.

Dr. Judice Aboim

No dia 29 do passado mez de novembro fez o seu vigesimo nono aniversario o sr. conselheiro dr. José Judice Aboim, digno secretario geral d'este districto e que goza do convívio d'esta cidade a mais sobria consideração.

Associamo nos com o mais vivo prazer a satisfação de sua excellencia e de sua esposa e junctamos os nossos votos aos de todos os seus amigos pela continuação das felicidades de s. ex.ª.

O CORTEJO

Em extremos d'agrado e com radiante satisfação de todos, celebrou-se no anterior domingo, a festa das creanças das escolas, proteccionada por uma commissão da delegação da liga d'instrução n'esta cidade, que era composta de numerosos individuos, hoje inscriptos n'aquella agremiação e que com o maximo gosto e muita solicitude fôram incansáveis na celebração que se fazia.

Entre receios de proximas chuvas, mas n'um ceu nublado, que cobria as crianças, como que a amparal-as de possível sol, foi organizado, na Praça D. Carlos 1.º, o cortejo, depois de ali estarem juntos os alumnos de todos as escolas de Faro.

Com as crianças d'instrução primaria official para quem era propriamente a festa, incorporaram-se na organização do cortejo os estudantes do lyceu, um numeroso grupo de alumnos da escola districtal d'habilitação para o magisterio, a escola das Irmãs e muitas escolas particulares.

Levavam todas o seu estandarte em vistosa decoração no letreiro que as designava, as crianças apresentadas com modesta e impecavel compostura; a marcha triumphal por entre as ruas do programma era acompanhada da pharmonica *Artistas de Minerva*, de Loulé, que com os escolares em côro echoavam a melodia suggestiva do hymno da bandeira, hoje generalisado por todas as escolas do paiz.

Nas janellas do transito formosas damas atirando flores; nas ruas enorme concorrência. Um encanto!

NO PASSEIO VASCO DA GAMA

Recolhe o cortejo ao passeio Vasco da Gama, onde, na clareira em frente ao *chulet*, que ali existe, está um pequeno estrado coberto, engrinaldado de flores e verduras. E' o palco onde as crianças vão dar alums provas; em esplanada do presencio um improvisado amphitheatro em bancadas, destinado a toda a assistencia infantil, no centro a pharmonica e o grupo de alumnos de gymnastica sueca que, sob a direcção do sr. Mario, Ramos tambem ali ia dar as suas provas.

Cercando este conjuncto ridente de criancinhas chilreando como aves por entre o pittoresco bucolico do logar, densas filis de cadeiras com as damas da nossa primeira sociedade, paramentadas nos seus mais garbados enfeites.

Discursos — recitações

Abriu a sessão o incansavel propagandista pela instrução, o professor Rodrigues Aragão, fazendo um pequeno discurso referido ao acto e ao interesse que a educação popular hoje está dispendendo nas sociedades modernas e explicando como entre os associados da Liga, elle encontrou proficuas e delicadas collaborações no brilhantismo de tão encantadora festa.

Em seguida o professor Salazar Moscoso, n'aquella phrase impressiva, que tão rapidamente traduz as suas grandes impressões e o seu notavel talento, esteve expondo os seus ideaes sobre educação e instrução, constantemente interrompido por entusastas palmas, que applaudiam e sancionavam cada uma das thezes que de-entolvia!

Em seguida fez-se a recitação, pelas crianças, de varios trechos poeticos, todos ditos com um encanto gracil, uma expressão tão mimosa d'innocencia e infantilidade que embevecia os ouvintes.

De entre estas galantes e incantadoras, todas aliaz merecedoras de referencias elogiosas, destacou-se a menina Mello Garrido com a sua poesia «A boneca» tão bem recitada tão artisticamente dita e artisticamente, porque não se pode recitar com mais singella innocencia e naturalidade!

GYMNASTICA

Terminados as recitações, seguiram-se os exercicios de gymnastica sueca pelos alumnos do sr. Mario Ramos; são ainda poucos, mas as evoluções fizeram-se com tal precisão, os movimentos eram tão uniformes, as crianças obedeciam tão lealmente á voz do mando, que a impressão d'estas primeiras exhibições d'educação physica deixaram o publico agradado e o conceito sobre a aptidão do sr. Mario Ramos bem assentado.

OS PREMIOS

Em seguida foram convidadas para constituirem a meza de distribuição de premios as sr.ªs presentes. Exm.ª D. Anna Bivar Cumano, D. Elisa dos Santos Machado, D. Gertrudes Trigoso do O' Ramos e D. Rosa Barroso Moraes e com o auxilio dos membros da commissão se procedeu á chamada dos alumnos premiados, fazendo-se um desfile prolongado dos classificados, que sobravam risinhos e alegres os livrinhos que lhe eram offerecidos como distincção aos seus merecimentos.

Sobre a tarde debandava do alegre recinto toda a assistencia e isto tudo se completou a tempo para que uma enorme descarga de chuva não perturbasse os restos d'uma festa tão impressiva.

À NOITE NO LETHES

Com uma enchente monumental realiso-se á noite, no theatro Lethes o sarau infantil que techou com chave de ouro a festa escolar de 1908.

O elegante theatro, a que José Filippe Porphirio, sob a sabia direcção e incansavel vigilância do nosso bom amigo, o sr. João Coelho Pereira de Mattos, imprimiu o cunho da sua muita habilidade, apresentava n'esta noite um aspectivo festivo e brilhantissimo, a que o chilreio da petizada dava um tom alegre de jovialidade.

Depois do *Hymno escolar*, de Augusto Machado e da *ouverture chant du poete*, de Herman, primorosamente executados pelo sexteto de amadores, ensaiado e dirigido pelo consagrado *maestrino* Rebello Neves, subio o panno para a *lição de moral*, um delicioso exemplo em que a grande alma de Angelina Vidal suppre com a intensidade do sentimento e com uma sincera emoção a dureza de algumas rimas, e que as meninas Maria Emilia Pessanha e Rachel Garrido, n'um engraçado *travesti*, disseram com todo o brilho, repassando-o da infantil candura dos seus corações a desabrochar na primavera da vida.

Seguiram-se recitando correcta e graciosamente: o menino Pereira Leite que disse:

O burro

Cheio de bestialidade
Quer sempre, andar á vontade,
Sem nada fazer que preste;
Tão mandão e casmurro,
Ai! Que burro que é meu burro;
E' burro peor que a peste.

Digo-lhe: tudo trabalha,
A fôrma junta a palha,
Um bom cão traz a perdiz,
Suberinas fazem cortiça
E tu, tu, a lidar se atreves
Se quer ser rico e feliz!

Desde o insecto, até ao homem,
Todos, todos se consomem
Em supportar os seus fardos;
Não zarras, pois indolente,
Anda e mo eu, como a gente,
Por sobre abrohos e carnos.

E, vê bem, burrinho qu'rido,
Que, desde hoj, arpendido,
Não te bato, nem te raiho.
E, vamos, dá-me um abraço
Que, p'ra sempre, prenda o laço
Do nosso instante trabalho.

Elle, porém, mais se amuita
E ora avança, ora recua,
Sempre trocando o ma duto;
Faz o que quer o casmurro,
Será cabeça de burro
Por todo o teinj o infinito.

e as meninas Maria Theresza Rolão, dizendo a

Lição á boneca

Minha boneca encostada
Não gosta de fazer nada;

Nem anda se por um braço
Lhe não faço dar um passo.

Em banal phisyonomia,
Quieta ri, com alegria.

«Amanhã» me diz, sem bulha;...
Mas nunca pega na agulha!

Só vestidos cor de rosa
E' que quer esta vaidosa!

Digo-lhe: «faz-te senhora»
e «anda e varre co'a vassoura»

«E, ligeira, porque és moça,
«Vai-me, já, lavar a louça»

«Meche-te, minha donzella,
«Vai-me dar volta á panela!»

O teu sogro e meu marido
Trabalha, sempre, insoffrido!

E, se á noite, vem cançado
Quer seu caldo preparado!

«Vê tu; que a nossa vizinha
«Traz acediada a eosinha»

«Limpa o quarto, o leito, a fronha»
E não cõras de vergonha!

«Quem possuie sagacidade
Ajuda a mãe, n'essa idade»...

Se não fosses de madeira,
Sovava-te, enredadeira!

Maria Theresza Fonseca, a poesia

Minha Mãe

A minha santa mãe, mãesinha qu'rida,
devo eu tudo, n'esta vida,

Já que tão boa, Deus m'a deu por sorte,
hei-de amala, até á morte.

O seu leite, de cor alabastrina
deu-me força em pequenina.

E,orman o n, do mais puro e alvo linho,
sempre embalou meu bercinho

E, pegando, ao de leve, no meu braço
me guiou a incerto passo

E a sorrir e a palrar, na nossa sala
me ensinou e até a fala!

Por isso, se a minha alma perto a tem,
ama-a e não teme ninguém.

D'ella, uma só palavra, se pranteio,
finja, logo, o meu ancio.

E, em seguida, amoroso e casto beijo
me retine a'ôgre arpeijo!

Ternal-a bem feliz; eis a que aspiro
até ao ultimo suspiro.

E trabalhando, am-la, sempre activa
Emquanto, sobre a terra, eu estiver viva

e por ultimo Deborah Azevedo recitando

Os coelhinhos

Esses coelhinhos prudentes,
em sua attitude esperta,
sempre estão d'orelha á léta
a mover nariz e dentes

Comendo, constantemente,
heivas, couves, rabanetes...
Assentados como a gente,
com suas maneiras finas
e seus gestos tão sagazes,
uns mais parecem meninas;
outros, parecem rapazes
que, em rola d'um professor
que não gos-a do bulicio,
supportam o sacrificio
d'apprender tudo de cór...

Mas que, d'um pulo ligeiro
vão'sconler-se n'um buraco,
se o mestre, d'animo fraco,
de repente alça o ponteiro!

sendo todos muito applaudidos.

Esta parte terminou com a apresentação de um grupo de creanças das escolas, executando sob a direcção do *sportman* Mario Ramos, um verdadeiro fanatico por tudo quanto diga respeito ao desenvolvimento physico, variados exercicios de gymnastica sueca elementar.

Não podia terminar melhor, porque, na verdade, as creanças apresentaram-se com um garbo, uma decção e certeza de movimentos, que são certas e o melhor galarjão e a prova mais evidente da competencia do sympathico instructor que foi calorosamente ovacionado e a quem nós felicitamos sinceramente incitando-o a proseguir na sua alutar iniciativa do robustecimento infantil.

Continuando por esse caminho, na certeza de que a compensação das intrigas e dictinhos de soalheiro e do indifferentismo que nos meos pequenos germinam á sombra da ignorancia e ineptidão, terá o applauso de quantos encaram pelo seu verdadeiro primo a urgente necessidade de atacar de frente o problema do rejuvenescimento das raças.

Abriu a 2.ª parte pelo dialogo *A lição* que os meninos Luiz Azevedo e Manoel Coelho disseram e representaram conscienciosamente.

Dizendo muito bem, apresentaram-se depois as meninas: Ilda Bramão que disse o seguneto primoroso soneto de Alberto Bramão.

A instrução

A instrução é uma ideal symphonia
Que abre as almas ao culto do amor;
No a'phabeto ha talvez mais poesia
Que no viço dos campos em flor.

Foge a treva em que o mundo é immerso,
Ante o sol com seus brilhos a flux;
O alphabeto é o sol do Progresso,
Que enche as almas de força e de luz.

E por isso a minha alma modesta
Vem tambem, a este alta de instrução,
Aspirar o incenso da festa,
Ajeitar e tomar communhão.

Emilia das Dores Pessanha disse d'uma forma primorosa, cheia de sentimento e naturalidade, gesticulando com propriedade o monologo de Francisco Pinto, *O milord*, findo o qual o publico, unanimemente, se levantou n'uma expontanea manifestação de ca inhoso e justo applauso.

Pisaram depois o palco a menina Sophia Paula Santos, dizendo singelamente os versos:

Dizer «Muito Obrigado»

E quem du'lará que isto aconteça?
Se, ao Simão, macaco palerminha
Nós dermos um zozinha,
Trinca-la-ha, coçando na cabeça,
E, olho aqui, olho ae lá,
Mudo, nada n'us dirá;
Mas, se á creança alegre e faladora,
Se dá cousa, sem valor,
«Obrigado» dirá «Minha Senhora»
Ou «Muito agradecido, Meu Senhor!

e Maria Natalia Vieira, uma interessante e formosissima creança que nos encantou com a seguinte linda poesia, de Pinheiro Chagas

A visão da creancinha

Não falo ainda; meus labios,
Afeitos ao mel dos ceus,
Murmuram doces palavras,
Que só entende o bom Deus;

O Deus que os anjos envia
A perfumarem-me o berço,
Que d'aureas sonhos p'vôa
O sonho em que fico immerso.

Vej! então p'rr entre as sombras,
Com a as de ouro e de luz,
Os cherubins que me embalam,
Vejo o Menino Jesus;

O loiro Deus, que me afaga
E me diz — «E's, innocente,
A au ora que não tem nuvens,
O labio que ainda não mente».

Acordo; fog-me me os srinhos,
E eu digo por entre o pranto:
Porque me de xis sósinho,
Menino, que eu amo tanto?

Jesus, apenas desperto,
Os anjos fogem de mim;
Mas eu não faço maldades
Porque me punas assim!

E diz-me Jesus:—Creança
De faces cór de ceceim,
Tens um anjo que veli,
E esse anjo... é tua mãe.—

Depois de um pequeno intervallo representou-se o *auto do passarinho e da flor*, uma fina e rendilhada lição á infancia devida á pena do mavioso poeta Salazar Moscoso, com musica do nosso amigo dr. Altero de Moraes.

O *auto*, verdadeira filigrana poetica foi correctamente desempenhado pelas intelligentes creanças Rachel Garrido, Christina Ayalla e Ilda Bramão, que não só deram aos versos de Salazar Moscoso o maior realce como cantaram uma inspirada canção acompanhada de coros, composição feliz do dr. Moraes, onde este apreciado *maestrino* revelou mais uma

vez os seus grandes dotes de mavi-
so melodista.

A execução d'este trecho musical,
com que termina a peça entusias-
mou a platéa, tanto pelo motivo melo-
dioso, como pela perfeição e certeza
da interpretação.

Recitaram ainda o menino Virgilio
Soares que disse a poesia de Fe-
nando Caldeira

Illusão

Vêm as ondas uma a uma
plantar um fiocco de espuma
na areia da beira mar
e ali andam entretidas
nas delicias repetidas
de a trazer e de a levar.

Mas, se p'ssa uma rajada
lá vai a espuma levada...
e cada onda, que vai,
quando a não a ha, parece,
que de tri-te desfallege,
e reflue soltando um sil

Pois mar é a pa'ção, que eu trago
e, se uma esperança afigo
no lidar d'essa paixão,
não tarda vento, que a leve,
porque a pomba cor de neve,
era espuma, era illusão.

a menina Amelia Cal'apez Teixeira,
os versos de Correia de Oliveira

O melhor vento

Corria lá pela aldeia,
Dictado que Deus mantenha
«A quem Deus quer ajudar,
O vento lhe apanha a lenha»...

Mulher pobre e preguiçosa
Que n'essa aldeia morava,
Ouvia, gostou da sentença
N'ella se sentenciava.

Não quiz saber se mer'cia,
Ou não q' e Deus a ajudasse
Foi á lenha, ao monte, e disse
Ao vento que lh'a apanhasse.

Ora o vento ao que parecee,
Tinha já seu pensamento;
Em vez de ajudar, espilha-a
No que m' strava ser vento.

E a preguiçosa da velha
(O sol de inverno lhe valha!)
Voltou a casa á noite n'ha,
Sem trazer nem maravilha.

Já se vê, não fez fogueira
N'essa noite de inverno,
E ao frio que padeceu,
Quasi de frio morria...

De manhã, lá volta ao mont;
Mas, ao lembrar-lhe a lição,
Não espera pelo vento:
Ajunta por sua mão.

E, depois dizia ella,
De consolad: ao borralho:
«Vento com que Deus ajuda?...
O mais seguro é o trabalho»

o menino Albino Pinto, dizendo a
poesia

A mão

Diz o polegar, com fome:
«Que há tres dias que não comei.
E o segundo, sem questão,
Responde: «não temos pão».
Diz est'outro, em tom profundo:
«Que faremos, cá, no mundo?»
Ao que replica o annular:
«Cada um se ha-de arranjar!...»
Só o mínimo que não ralha
Lh's diz:
Felia
So bem vive quem trabalha:
Só bem vive quem trabalha!

e Rachel Garrido que fechou esta par-
te dizendo bem o monologo, o batista-
do da boneca.

A ultima parte do espectáculo foi
prehenchida pela comedia de Mattos
Morceira, *Abacho a palmatoria*, in-
trepredada com muita vivacidade e
brilho, pelas meninas Luza Cruz,
que nos deu uma engraçadissima ve-
lha, Ilda Azevedo, n'um *travesti* irre-
queto e endiabrado e Maria Infante
uma collegial rabela e cabula.

Foram e com justiça muito ovacio-
nadas.

Depois da comedia o menino Car-
los Figueiredo disse com engraçada
gravidade os versos:

O pintainho

Cót—Cót—Cót—que ha, pois de novo?
—A galinha que põe ovo

E se fôr de raça pura
D'elles porá uma fartura.

Cót—Cót—Cót—que ha mais de novo?
—A galinha choca o ovo.

Tic—Tic—que se passa, agora?
A vida que já v'góra

Ti—Tic—indá mais um bico
Ja se ouve bater um bico

Crac—Crac—no ovo mais fortinho
Sai um pinto molhedinho

que teve de bisar e Antonio Perian-
nes cantou muitissimo bem a canço-
neta *Quando eu fôr h mem.*

O espectáculo terminou pelo *canto*
coral de Salazar Moscozo, musica de
dr. Alberto de Moraes, cantado a
pedido de muitas pessoas que de
manhã, na alameda, o não tinham
ouvido bem, pelas más condições do
local.

Este côro executado no theatro de-
monstrou cabalmente a sua belleza
tanto no *primeiro tempo* (valzer), co-
mo no *segundo* (marcia).

As creanças, animadas com as lu-
zes da sala, com um bom acompa-
nhamento e com as sympathias ma-
nifestadas pelos espectadores, deram
todo o relevo necessario áquella lin-
da musica, tambem obra do dr. Mo-
raes.

Por fim veio ao palco a commissão
da Liga, cujo presidente sr. Rodrigue-
s Aragão, n'um bello improviso,
agradeceu á ex.^{ma} Proprietaria do
theatro a cedencia do mesmo, mani-
festando-lhe a gratidão do nucleo

Em resumo: a festa foi brilhantissi-
ma e completa. sem um unico dis-
sabor, deixando plenamente satisfei-
tos todos quantos tiveram a felicida-
de de assistir a um espectáculo que
foi uma das mais lindas, senão a
mais linda festa que se tem realisa-
do em Faro e pa'a cujo exito muito
concorreram com o porfiado labor e
recursos os nossos amigos Salazar
Moscozo, Alberto de Moraes, João
Arouca, Mario Ramos e Rebello Ne-
ves.

Salazar Moscozo collaborou não
só escrevendo o lindo *auto do passari-
nho*, como traduzindo do eminente
poeta francez Jean Ricard as poe-
sias *o burro, lição á boneca, minha*
mãe, os coelhos, dizer muito obrigado
e *o pintainho*, com aquella per-
feição e justeza de que elle possui o
segredo, como talentoso e consagra-
do poeta.

O dr. Alberto de Moraes não
só escreveu a musica para a canção
do *auto* e o canto coral, como tam-
bem ensaiou, na parte musical, com
a maior paciencia e boa vontade as
engraçadas intepretes das suas com-
posições, que compensavam com a
sua candida amizade o carinho com
que elle as ensaiou.

Mario Ramos contribuiu immenso
instruindo nos principios elementa-
res de gymnastica sueca o garboso
batalhão escolar.

Rebello Neves ensaiou primorosamente
o sextetto que sob a sua di-
recção executou um delicado e ma-
gnifico programma musical.

E por ultimo—e propositadamente
o deixamos para o fim, o nosso velho
amigo, João Arouca, a principal ala-
vanca que o nucleo da Liga da Ins-
trucção em Faro, teve pa'a o exito
da festa ao serviço da qual durante
cerca de 2 mezes, diariamente, du-
rante horas seguidas, os seus conhe-
cimentos theatraes, e sua boa vonta-
de e uma inalteravel paciencia para
aturar as scintillações, ás vezes de-
maasiado turbulentas, d'aquelle lindo
bouquet de creanças.

Ao nucleo da Liga, os nossos pa-
rabens pelo exito brilhante da festa;
todos estes nossos amigos a cujas va-
riadas aptidões elle se deve, um abra-
ço nosso sincero e entusiastico
traduzindo o nosso justissimo applau-
so.

Aos dignos professores e profes-
soras de instrucção primaria do con-
celho de Faro, que por seus cuida-
dos, por seu interesse no realce de
estas festas, pelo serviço que prestam
á instrucção tão dignos e mere-
cedores se tornam da consideração
publica, aqui deixamos consignada a
satisfação com que toda a assisten-
cia d'esta festa ficou dos seus utilis-
simos serviços.

Aos membros da Liga d'Instrucção
pelo seu impulso de carinho e prote-
cção ás crianças os nossos louvores.

Ao publico e a todos os beneme-
ritos de solemnisações d'esta especie
de tão largo e benefico impulso na
educação geral, os nossos mais justos
parabens pelo exito e agrado d'esta
festa.

Subscrição para a festa escolar

Dirigida pela Liga Nacional d'Instrucção

Transpote 60:100.

Dr. Antonio G. Faleiro, 1000 reis;

C. da Costa L. J. Cequeira, 500 reis;

dr. Rodrigues Davim, 1000 reis; Al-

xandre M. O. de Carvalho, 2000 reis;

Abraham Amaral, 800 reis; general

Militão de S. Carvalho, 500 reis; J. P.

Lopes, 500 reis; D. Maria H. L. de

Bivar, 1000 reis; Manoel de J. Bol-

me, 500 reis; J. A. Proença, 500

reis; major João d'O. Ramos, 500

reis; tenente Francisco J. de Barros,

1000 reis; Ed. do Soares, 500 reis;

José M. da Conceição, 1000 reis;

commandante da Palmella Martinho

Montenegro, 1000 reis; Carlos Lyster

Franco, 1000 reis; commandador Fer-

reira Netto, 5000 reis; José M. Bran-

deiro 500 reis; tenente João B. de

Barros, 1000 reis; Um anonimo, 50

reis; Antonio P. Carrajola T. Neves,

500 reis; J. Paulino, 500 reis; Eduar-

do de Mello Garrido, 500 reis; Fran-

cisca F. Quaresma, 1000 reis; José

Masó, 1000 reis; Conde do Cabo de

Santa Maria, 5000 reis.

Somma, 93:400 reis.

Resumo das contas

Recita:

Subscrição..... 955200 reis

Entrada na Alameda. 415100 »

» no Lethes... 134350 »

Somma..... 270550 »

Despza:

Festa na Alameda... 1013740 reis

Sarau no Lethes... 573785 »

Somma..... 1628525 »

Saldo... 1083325 »

Faro, 5 de dezembro de 1908.

A commissão.

—

A commissão agradece muito penho-
rada a todas as pessoas que con-
correram por qualquer forma para o exito
da festa escolar. Não pod' deixar de
especialisar a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Cu-
mano pela obsequiosa cedencia do
theatro Lethes e ainda por ter presen-
tido da percentagem sobre a recita
da recita, sempre cobrada quando é
cedido o theatro. A ex.^{mas} senhoras D.
Anna de Bivar Cumano, D. Orovinda
S. Querra, D. Guilhermina Trigo de
Sousa, D. Maria Chaves, D. Maria
Tiburecio e sua mana, D. Laura Gon-
çalves, D. Vivina de Carvalho, D. Ma-
ria Guerreiro, D. Maria Thereza Pe-
reira, D. Maria Motta Bravo, D. Ma-
ria Natividade Domingos e ex.^{mo} sr.
alfres Ramos que obsequiosamente
pintaram fitas para os bouquets que fo-
ram distribuidos ás crianças que repre-
sentaram.

A ex.^{mas} senhoras D. Anna Bivar
Cumano, D. Elsa Ernestina dos Santos
Machado, D. Maria do O' Ramos,
D. Rosa Barroso Moraes, Condessa do
Cabo de Santa Maria, D. Maria Victo-
ria Mattos Ieguez, D. Isabel Maria Ji-
dice de Aboim que graciosamente
acquiessceram aos desejos da commis-
são para distribuirem os premios ás
creanças distintas, embora as ulimas
tres senhoras por motivos alheios á
sua vontade não tivessem podido com-
parecer.

Aos ex.^{mos} senhores João Arouca e
dr. Alberto Moraes que proficiente-
mente ensaiaram a parte dramatica e
os coros. Ao ex.^{mo} sr. Salazar Moscozo
que escreveu varias poesias e uma com-
edia expressamente para a festa escolar.
O ex.^{mo} sr. A. Rebello Neves que dis-
tinguamente en a ou e regem o sextetto
Os distinctos amadores srs. Elias Sa-
bat, José Malaquias, José Joaquim L-
pos, Francisco Soares, Carmo e Sousa
que compunham os sextetto. O ex.^{mo} sr.
Mario Ramos que apresentou um gru-
po de rapazes bem ensinados em gym-
nastica sueca.

O ex.^{mo} sr. Miguel Antonio Galvão
que generosamente cedeu o piano para
os ensaios.
O ex.^{mo} sr. dr. Aguedo pela gentil
offerta dos bilhetes e programmas da
festa da Alameda.

A ex.^{ma} direcção do Gymnasio Club
pela cedencia da seu salão para n'elle
se realisarem os ensaios. Ao ex.^{mo} sr. dr.
M. raes pela cedencia para equal fim do
theatro 1.º de dezembro. Agradece
muito a commissão a todos os ex.^{mos}
senhores que offertaram flores para
serem dadas ás creanças, a todos os
senhores professores e professoras pela
sua collaboração na festa escolar e
finalmente a todos os ex.^{mos} subscrip-
tores que habilitaram a commissão a fa-
zer distribuir premios ás creanças de
todas as escolas.

Primeiro de Dezembro

Na praxe de antiga tradição, os es-
tudentes do lyceu de Faro tomaram a
seu cargo o festejar a solemniidade de
este dia em commemoração do facto his-
torico, pelo qual o paiz reaquiriu a
sua independencia e separação da na-
ção hespanhola, que durante sessenta
annos nos manteve encorporada na
sua nacionalidade.

E' bom que não se deixe obliterar
na memoria dos portuguezes a len-
brança dos factos historicos, a que deve
a sua nacionalidade e o poder affir-
mar ainda no concerto das nações uma
independencia honrosa adquirida por
gloriosos esforços de nosso antepassa-
dos.

São estas celebrações que avivam
na alma dos povos o sentimento do
amor da patria e o respeito pelo mais
prezioso legado de que as gerações são
depoz tarias.

Neste cumprimento de um dever ci-
vico o entusiasmo juvenil da popula-
ção escolar organizou a sua festa sob
a tutela e direcção d'alguns seus pro-
fessores e dedicou o dia primeiro de
dezembro a esta celebração.

Logo aos primeiros alvões da ma-
nhã com a philarmonica *União Mar-
çal Pacheco*, de Loulé, á frente, todos
os alumnos do lyceu de Faro saíram
pelas ruas da cidade em marcha ao
som do lyceu da restauração e foram
ao curral do batalhão d'infanteria 4.
assim soçiar da banda nacional
em verimonia assistida pelos man-
dantes, alguns officiaes do regimento e
formação da guarda.

Durante o dia fizeram as visitas aos
professores e á uma hora celebraram
uma sessão historica litteraria na sala
do lyceu com discursos d'alumnos e de
professores e algumas recitações de
poetas.

Leram-nos que o nosso amigo sr.
Salazar Moscozo, professor, fez um
discurso cheio d'entusiasmo e de sen-
timento patrio que com sempre obte-
ve os mais merecidos applausos da as-
sembléa.

A noite, no theatro *Primeiro de*
Dezembro, fizeram uma outra sessão
litteraria com algumas representações
de comedias e recitações de poesias,
tendo tudo alcançado os melhores lou-
vores dos assistentes.

O tempo bastante chuvoso por vezes
perturbou a festa dos estudantes nas
suas manifestações exteriores.

JOSÉ DO O' D'ASSUMPCAO
COM
ARMAZEM DE FARINHAS E OU-
TROS GENEROS
92-Rua do Rosario-94
—OLHÃO—

NOTICIAS VARIAS

A esposa do nosso amigo o sr. dr.
José Ribeiro Castanho deu á luz um
menino, tendo sido muito feliz.

Damos os parabens ao nosso amigo
e sua esposa e fazemos votos pelas fe-
licidades do recém-nascido.

Em Portimão tem havido varios
casos de roubos attribuidos á extrema
miseria que layra n'aquella villa por
effeito da falta do trabalho.

Ao sr. Francisco Bastos roubaram
dois saccos de figos secos; ao sr. An-
tonio do Carmo Provisorio, considera-
vel porção d'amendoas; ao aspirante de
alfandega o sr. Guerra, dinheiro na
importancia de vinte mil reis.

Casou em Silves o sr. Bento da
Cunha Domingos, commerciante, sob-
rinho do actual administrador do con-
celho com a sr.^a D. Maria dos Santos
Rodrigues Garcia.

O sr. Carrasco Guerra, medico
cirurgião pela escola de Lisboa e que
mais d'uma vez tem estado no Algar-
ve, onde escolheu esposa, escreveu um
verso com o titulo «Perigos do Casa-
mento».

Foi concedido á Companhia de
Pescairos do Cabo de Santa Maria e
Ramalhete um local para pesca de sar-
dinha no sitio do Aneão.

Ao sr. José Alexandre da Fonseca
tambem foi cedido o local denominado
«Flor de Faro».

Partiu na segunda feira para Pa-
ris, Londres e Suissa o nosso amigo
Manuel Soares, digno capitão do por-
to de Villa Nova de Portimão, em gozo
de licença.

Esteve em Faro na precedente
semana o sr. Francisco Mendes do Pas-

so, proprietario da Luz, de Tavira.
—Damos o prazer da sua a r. da-
vel visita o rez. condjctor da fraga-
za de Mourapacho, sr. A. de Oli-
veira.

—Tem e tado doente, n'esta cidade,
o nosso amigo sr. dr. José Bento M-
rim.

Deseja no elle as melhoras.
—Estiveram n'esta cidade na que-
rência da vida sem uma de advogados
os srs. dr. Carlos Fizeta, d'Oliveira
e dr. Marceiros Netto, de Loulé.

—Não teve importancia sensivel a
lucta politica das eleições da junta do
parochia que n'outros pontos do paiz
andou muito travada entre os partidos
politicos.

—Já está fazendo serviço no ba-
tão d'infanteria n.º 4 aquartelado n'esta
cidade o alferes medico sr. dr. Souza.

—As chuvas de segunda feira deter-
minaram atrasos no combio de correio
que parte de Villa Real e Tavira e
depois em Aljustrel. A Ruba foi impedi-
da em ambos os pontos pelo enorme
gamaento de trincheiras deslocadas pe-
la intensa chuva.

—Tem-se dissipado um pouco o mau
humor da crise financeira, em que se
fallava nos precedentes semanos.

E teve n'esta cidade com sua fami-
lia o sr. Joaquim Manuel Judice, de
Paderno.

—E teve em Faro o sr. João Carlos
M. nos Loria, grande filiante politico
em Lugo.

—Com sua interessante filha, D.
Maria das Dores Barros esteve n'esta
cidade o nosso velho e dedicado ami-
go, sr. João Barroto, de Villa Real de
Santo Antonio.

—Regressou da capital o estimavel
cavalheiro, sr. João Lobo Corte Real,
digno 1.º fidei da repartição de fazen-
da dist. etal.

—Veio a esta cidade o sr. Mathias
Gomes S. nos, digno cavalheiro,
de Villa Real.

—Por intransigente recommendamos
á novel vereação municipal de Faro a
avida que da rua de S. Francisco
conduz ao apeadero do caminho de
ferro.

Faz pena que uma arteria por onde
tantos são obrigados a transitar não
esteja já regularizada e com arvores
adquida ao solo para abrigo dos via-
dantes nos tropicos dias de verão.

Com pouca despendio ficava a cida-
de embel lesa la e o publico bem ser-
vido.

—Foi feita de segim e molo a dis-
tribuição dos pelouros na presente ve-
reção municipal de Faro.

Presidente: Conde do Cabo de San-
ta Maria com expediente da secretaria
e obras publicas.

Vice presidente Commendador Fer-
reira Netto, viação.

Vereadores:
Pad. e João Ignacio Tavares com pa-
seios, cemiterio, templo e festa.

José Alexandre da Fonseca com
illuminação, matadouro e mercados.
Antonio da Costa Azevedo com a
limpezza.

Nas freguezias cada vereador mente
todos os pelouros na sua respectiva lo-
calidade.

—Retirou na semana final de Porti-
mão para Lisboa, com sua esposa, o
sr. Luiz Filho d'Alvellos.

—Seguiu para uma excursão ao es-
trangeiro o nosso amigo o sr. Manoel
Alberto Soares, digno capitão do por-
to em Portimão.

—E teve na terça feira em Portimão,
o sr. Falcão Trigo, director de de-
nho em Lugo.

—Em Portimão colmeiam as casis
de jogatina sem escrupulo nenhum na
admissão de menores!

Como escola de fructos sociaes é a
primeira ordem esta tolerancia das au-
toridades!

E assim anda a administração poli-
cial n'aquella villa onde não faltam po-
litias e força armala!

—Está em Faro, de visita a sen-
nhado e nosso amigo sr. João Alexan-
dre da Fonseca, o sr. Luiz Riposo, de
Coruche.

—A direcção do Club Farense re-
solveu dar duas reuniões familiares,
nos dias 8 e 19 e uma soçorá no dia
31 do corrente.

—Regressou a Faro, depois de al-
guns dias de permanencia em Lisboa,
o activo industrial da nossa praça, sr.
Manoel José Nobre que trouxe para o
seu estabelecimento as mais recentes
novidades no genero do seu commer-
cio.

—Diz um jornal de Lisboa que o
sr. ministro d' fazenda tem em mãos

um projecto de tributação de todos as mercadorias exportadas!

Estão servidos os productores que já tem os generos com os preços reduzidos!

—Regressou de Lisboa o sr. Francisco dos Santos Correia, commerciante d'esta cidade.

—O governo portuguez realisono emfim um tratado de commercio com a Alemanha que nos concedeu o tratamento de nação mais favorecida.

Por este tratado os nossos productos d'exportação como figos, amendoas, vinhos e cortiças vão ter facil expansão nos mercados d'aquelle paiz.

—Acabamos de ouvir a sirene de um automovel, que nos atormentou os ouvidos. É natural que a policia tambem ouvisse; para isso aguardamos as suas providencias em harmonia com a ultima portaria.

HOTEL MAGDALENA Optimos aposentos SERVIÇO ESMERADO R. CONSELHEIRO BIVAR, 95

FARO

21

Auctoridade

A todo o instante ouvimos fazer reparos á marcha dos negocios publicos, a cada passo vemos cidadãos apostropharem os governos e as collectividades, relativamente aos factos e omissões de menos a preço pelos interesses publicos e communs! Será conveniente entregarmos nos a taes lamentações, se d'ellas não conhecemos a justiça; será admissivel a censura em que não possui a illustração sufficiente para bem encaminhar os que a soffrem?

Effectivamente quem não terá ouvido lastimas sobre o estado cahitico da organização administrativa? quem não terá observado a mudança continuada das situações politicas, que impulsionam a vida do Estado, como organismo activo, que se realisa fins, e presente ou deve prestar serviços?

Quem ha ahí que não tenha notado os efeitos da falta de normalidade juridica nos poderes publicos em sua propria organização, e a instabilidade dos mesmos poderes, a falta de segurança e a confusão das suas espheras?

Mas, com espanto o dizemos, a ninguém ouvimos apontar os remedios a applicar, nem por menos os processos a seguir, já que pela sua difficuldade a reorganização completa não é materia, que possa pedir-se a qualquer dos mentores e criticos vulgares!

Nem sequer uma ideia, nem sequer um auxilio a quem tenha boa vontade prova da para, em consciencia methodisar a administração, e com zêlo prover ás necessidades publicas, segundo as suas opportunas exigencias!

Qual será o effeito de uma tal desorientação, qual a consequencia logica e natural de tal desatino?

Não é preciso sermos videntes, nem grandes sabos para desde já affirmarmos que os suores do povo aproveitados pelos poderosos e pelos remedios de fortuna se volveram em fogo, que estua, e busca na desordem e no crime saciar a seffreguidão.

Pois se elles os proletarios soffrem e labtam quotidianamente para que os estudiosos e letrados lhes paguem com alimento espirital a sua fé de Eterno, a sua aspiração á Immensidade, como admitir que em troca tenham apenas a indicação de abusos e de delictos na parte social dominante, a accusação de exploração e exploração da parte dos que estão levantados á sua consideração?

Tenhamos, pois, todo o cuidado em não ferir as suas epetibilidades de governantes e governados, porque se estes soffem incitamentos ao crime e á desordem com os desmandos da imprensa, aquellos devem usar da sua força na correção e castigo dos criminosos confessos do pensamento e da publicidade.

Thebo M. niç.

RESERVISTAS

Nos dias adeante designados do proximo mez de janeiro, tem lugar a revista annual d'inspecção das seguintes freguezias d'este concelho. Estey e Conceição, no dia 3. Em 10, 17, 24 e 31 respectivamente as de S. Pedro, Sé, Santa Barbara e S. Braz.

PLISSAR

Rua Direita n.º 15

FARO

O barytono Alfredo Mascarenhas

O nosso comprouvenciano e já distincto artista lyrico, o sr. Alfredo Mascarenhas, fexou contracto como primeiro barytono de uma companhia, que vaecantar na cidade de Barleta no Adriatico, durante os mezes de 22 do corrente a 22 de feveiro proximo.

O contracto foi de 150000 liras (2005000 réis), prssagens pagas e um beneficio, devendo cantar quatro operas, Traviata, Trovador, Puritanos e Ruy Blas.

Depois d'este contracto já tem um outro entablado para Argentina (America).

Está pois na carreira da gloria e dos bons interesses e que a fortuna sorria ao nosso compatriota.

A grève

Na sexta-feira um grévista, sabendo que a sua mulher estava trabalhando na fabrica contra as suas ordens, foi buscála e como ella se oppunha, fez-lhe algumas violencias arrastando-a para a rua.

Immediatamente foi preso, apesar de este conflicto ser inteiramente entre marido e mulher.

Continuam presos os individuos colhidos nas desordens que se deram por motivo da grève.

Voltaram ao trabalho da fabrica dos srs. Feo & Irma's em Portimão as grévistas que se tinham manifestado, não querendo fabricar o peixe das arinações do sr. Filho.

O novo administrador do concelho de Portimão aconselhou o commercio d'aquella villa a não reunir para intervir na grève, dizendo ter promessas de que o sr. Fialho entrará n'um accordo proximo.

A força militar que está em Portimão é composta de 57 praças de cavallaria commandadas por um capitão e dois alferes, 23 praças d'infanteria 17 commandadas por um alferes e 27 praças d'infanteria 4 commandada por um capitão e um alferes.

Da secreta de Lisboa estão dois policias.

GAZETILHA

Houve um sarau (?) malinée (?) No dia 1, no lyceu; Toda a gente disse cousas... O reitor emmudeceu!...

Off. receu-lhe a presidencia O que primeiro fallou, O reitor ouviu sorriu-se, E no seu lugar ficou!...

Recitou gentil donzella Do modo mais gracioso; O reitor ouviu, sorriu-se, E quedou silencioso!...

Discursaram academicos O que a fim lhe suggeriu; O reitor ouviu, sorriu-se, E quedou-se... nem um puf!...

Eleveu-o até ás nuvens O honi Salazar Moscoso; O reitor ouviu, sorriu-se, E quedou silencioso!...

Recitaram estudantes Versos catitas, de troz; O reitor ouviu, sorriu-se, E moita. Nem chuz nem muz!...

Dissertou um outro mestre Simples, despretencioso; O reitor ouviu, sorriu-se; E quedou silencioso!...

Em resumo: terminou A festança ás trez e pico; O reitor ouviu, sorriu-se, Sem chegar a abrir o bico!...

Qual a razão do silencio Que o brilho tirou á scena? E ser passaro bisnau E estar na muda da pennat!... Um ex discipulo.

Francisco dos Santos Correia

Deposito de farinhas, arroz, cereales e outros generos Compra amendoas, azelte e outros productos

5-RUA DE S. PEDRO, 7

44

FARO

Communicados

A casa onde nasceu João de Deus.

Consta-nos que, muito brevemente, se va inaugurar, em São Bartholomeu de Messines, em tua supposta casa onde dois individuos pretendem que tenha nascido o grande lyrico, uma lapide que attestará ás futuras gerações ter sido aquella a casa onde o poeta nasceu, falsificando-se assim a historia com a mais grosseira mentira.

Pois aqui estamos a insurgir-nos contra essa torpeza e a protestar contra esse facto por não ser verdadeiro. E, já que mechemos n'isto, vamos apresentar alguns dos dados que podemos colher nas nossas investigações.

Em junho de 1898 fizemo nos em contrar com D. Maria Silvestra Pereira, viuva de Manoel Baptista Machado, hoje fallecido, uma das pessoas mais idosas da terra, e lhe perguntamos se alguma coisa se recordava de João de Deus e da sua mocidade.—Se me lembrei diz-nos esta senhora,—fui ao seu baptisado, por signal que me lembro que, depois do copo d'agua, houve baile.

Que idade tinha n'esse tempo a senhora?—Tinha dez annos. Foi então d'aquella casa onde mora o João de Sousa e o José Ramos que João de Deus nasceu?

Não, n'esse tempo morava ahí o José Lopes, primeiro marido de D. Margarida Callado, mãe do prior Callado que ali está, e a proposito lhe digo que este Lopes morreu n'essa casa com um susto que apanhou.

Com um susto!?! Sim, senhor, com um susto; pelo menos era o que toda a gente dizia. H-de tambem contar-me essa historia, mas antes diga-me, se sabe onde nasceu João de Deus.—Olhe; bolos do baptisado d'elle comio eu n'aquella casa onde habita o Jose Cortes, e ali foi o baile, e ali deve conceiteza ter sido o nascimento, e de mais, na casa onde não sei porque motivo pretendem que elle nasceu, não é verdade, por este motivo.—Vae saber agora como fu que o homem morreu de susto.

Em 33 (refere-se á guerra civil entre D. Pedro e D. Miguel) entraram aqui os guerrilhas, e ao lado da casa onde algum diz que o João de Deus nasceu, morava o capitão Anton Afonso que os guerrilhas mataram, estando elle assentado á porta da entrada, bem como a filha Izabel que, dando pela presença dos guerrilhas e sabendo que elles não iam ali para cumprimentar o pae, se abraçou a este, prevenido a imminente fatalidade; n'este momento um guerrilha desfez-lhe a arma contra o capitão e a m sua bala matou pae e filha, foi uma crueldade, pois diziam que o capitão Antonio Afonso era muito bom homem! o tal José Lopes que então morava na casa em que elles pretendem que João de Deus nasceu, e que fica a uns 10 passos da que foi do capitão, ouvindo os tiros e depois vendo os cadaveres dos seus visinhos e parentes, apouso de d'elle um tal susto que, a commettido d'um grande tremor cahiu na cama e horas depois tinha fallecido.

Ora, aqui está a prova de que o João de Deus não nasceu na casa onde lhe vão collocar essa lapide.

Em 1832, habitava essa casa José Lopes e D. Margarida Callado, sua esposa, como é que em 1830 nasceu ahí João de Deus, sendo esta a ultima casa n'aquella povoação onde habito o poeta?!—Só este argumento por si dá a prova frisantissima da falsidade que se pretende dar á historia e ás futuras gerações.

Outros argumentos temos ainda, e valiosissimos, para provarmos que João de Deus não nasceu onde collocaram a lapide e que só uma pontilhagem do egoismo e vaidade que deviamos, pode dar razão a esse enorme disparate, para o qual nos parece que a familia do fallecido lyrico devia intervir afim de evijar essa falsidade.

Pelo nosso lado aqui consignamos o mais vemente protesto.

Santa Barbara de Nexe

Sr. Director.

Pego a V. o favor de inserir no seu O Algarve a carta que se segue, o que desde já agradeço reconhecido.

Illustre Raphael.

Quem te mandou a ti (ó sapateiro) to ar rabecão?

E' o caso. Quem te metten n'essa bestunta cabeça, que copiasse uma carta, embora mal engenhada, e a publicasse no Algarve apparentando de escriptor, quando eu e todos n'esta freguezia, conhecemos a sua educação litteraria, e conhecem o seu merito actua?

Foi alguém que conhece a vileza da sua alma, sabe que n'ella só ha um sentimento predominante: o desejo de fazer mal e que abusou da sua ignorancia; com corteza foi algum amigo de Peniche que quiz emplumar o gaio com pennas de pavão para o expor ás vaías do publico, enovelando no mesmo embrulho a sua esposa.

Pondo de parte esse amigo menos sincero e seu mentor, e analisando a interessante carta que o sr. Raphael faz obra sua, vejo n'ella uma allusão diz que ha annos arrabaram dos lados de barlavento a esta aldeia dois magn tes... não comprehendí que um d'ells fosse eu; porque o titulo é demasiadamente pouco para a minha humilde pessoa; mas, como n'esta aldeia todos os individuos por insinuação sua dizem que sou eu um d'esses magnates, accetei resignado essa grã deza, mas muito envengado, porque sou o mais humilde dos professores.

Disse acima o veridico auctor da carta, de que se trata, que o sentimento predominante na alma do sr. Raphael é a maldade, e assim é; quer a prova?

Esta freguezia chama-lhe o ferro velho e está bem appellidado, é o juizo do povo! Não só lá fóra se perceberá o que quer dizer ferro velho!

Eu me explico: ferro velho, n'esta p rochia, é um nome le dario; quando se conhece um homem de ruim figura, soberbo, mal educado, calumniador, em summa um mán, grita logo este povo—fóra ferro velho!—E ter á este povo razão para appellidar o sr. Raphael de ferro v lho?

Tem. Veja-se: quando regessou de Monchique, viuha o sr. Raphael bem vestidinho, bem enluado, barba á guisa enfim, bem limpinho por fóra, ou como dizia, em taes casos, o prior Silveira avinha um bu ro enfeitado.

Um cavalheiro d'esta aldeia lembrou-se de que o sr. podia dar um regedor razoavel, e em seguida pediu a sua nomeação. Feita ella, qual foi a sua norma de proceder? Foi horroroso! O digno administrador de então, a instantias d'algum, viu-se na necessidade de lhe dar a demissão, e nomear o sr. Antonio Pinto do Canal, porque o sr. Raphael não era um regedor, e a um despota, que só faz a mal: um dia disseram-lhe que duas pequenias, uma de sete annos, filha de João Vegas do sitio da Laranjeira d'esta freguezia e outra de oito, filha de Manoel Apollodo mesmo sitio, para ovirem uma vi sinha, tinham proferido umas palavras sem fazerem sentido, porque e am umas innocentes crianças; o que fez então o sr. Raphael? Chama o cabo Luiz, e intima-o a que vá immediatamente prender es grandes criminosas; este recusa-se obdsceer, porque tal ordem representava uma tyrania, e o sr. Raphael, como não foi obdecedo, depois de passar uma noite de insomnia, levanta-se, como um possesso, ao romper do dia, e foi pessoalmente fazer as prisões. As pobres mães, que ainda estavam a dormir, acordam ao seu chamamento, veem á porta, bem vestidas, mal vestidas, e perguntam-lhe o que quer? O sr. Raphael responde: venho prender as suas filhas, Maria e Cecilia; as mães respondem que as crianças estavam ainda a dormir; e não me importa isso, quero as já aqui!—A scena, que se deu, quando obrigou a ac-ordar as crianças e as arrancou dos braços das mães para conduzir á prisão, sente-se, não se descreve! Quando as crianças se viram só n'uma prisão infecta, quasi sem ar e sem luz, n'um subterraneo, davam gritos, que enchiam de dor o coração e todas as passões, que as ouviam, menos o do sr. Raphael.

Ainda mais: Como foi a sua entrada em casa da Maria Gregoria, quando o sr. se apresentou de revolver em punho, sem ella ter feito crime? Foi outra scena, que tambem não se descreve, sent-se pelo que se viu e ouviu á fóra!

Ainda mais: O que fez o sr. Raphael á filha de José Francisco Lobo, do Gorgões, quando foi encarregado da caixa do correio? Espunhou-a cobardemente em tua casa, a ponto de a pobre mulher pedir socorro, gritando—Aquí

d'el-rei, que a queriam matar!

Por estes factos e muitos outros, cuja ennumerção seria quasi infinita, não terá o povo razão para chamar ao sr. Raphael ferro o velho?

Tem; porque é um mán.

Quanto á outra parte do seu aranzal, direi que a carta violada está á exposição em minha casa para se apreciar o bom serviço, que o sr. Raphael desempenhou na qualidade de encarregado do correio, e a boa vontade de seus superiores, que viram a referida carta, em o conservar no lugar que tanto appeteceu, fosse porque dinheiro fosse.

Por aqui fico até me beliscar de novo, a não ser que tome a resolução de o votar ao desprezo, como toda a gente d'esta freguezia faz.

2 de dezembro de 1908.

José da Encarnação e Sousa.

CORRESPONDENCIAS

Villa Real de Santo Antonio

Causou estranha sensação a extraordinaria, mas premeditada, ordem da auctoridade local para a suspensão da reunião que se devia realisar no dia 1 de dezembro para a nomeação dos corpos gerentes como o determinam os estatutos da associação «Novo Compromisso Maritimo» cap. 7.º art.º 21 n.º 2 em que diz: «no dia 1 de dezembro haverá uma assembleia geral para eleger a meza e corpos gerentes que devem entrar em exercicio de suas funcções no dia 1 de janeiro seguinte»—Diz a ordem da auctoridade, ordem que se explica, que é com o fim de não haver alteração da ordem publica!... Mas onde vê sua ex.ª essa alteração?

Isso só de quem anda completamente desorientado, que até vê uma «pavorosa» em toda a parte, e erê nos que até a vê nos proprios dedos quando por acaso se lava no inverno!

Para quem vem buscando, para satisfazer seus caprichos politicos, desculpas em tudo e em todos, se tola a gente já o conhece e sabe perfeitamente que tudo está tranquillo?... Enfim não queremos desobedecer a uma tal «ordem», mas e-nos licito tambem observar lhes que melhor seria que tomasse mais cautela com os seus subalternos, que podem tambem alterar a ordem publica com as suas exigencias, pois que se atremem a exigir aos donos das casas de jogo do lito uns tantos por cento sobre esse jogo como por elles nos foi dito e se nos queixaram!

Hi d'estas e d'outras e não se faz caso; mas por uma simple vingança politica, manda se suspender uma eleição a uma sociedade de beneficencia auctorizada por alvará de 23 de junho de 1899!

Como consente pois o sr. administrador que hajam reuniões n'uma associação que roubou o nome á primeira e que foi formada por socios que se achavam incursos no cap. 5.º art. 17 dos mesmos estatutos em que diz—«a falta de pagamento de quotas não poderá exceder a um mez, sob pena de suspensão temporaria de socorros, e se essa falta se prolongar até dois mezes, o socio será eliminado»—Ora os que n'estes casos se acham e com outros que por motivos politicos se abstiveram d'essa associação referida, formaram o troo compromisso maritimo com o mesmo nome, recebendo indevidamente joias e quotas não tendo estatutos formados nem approvados como é de lei, e para o que chamamos a atenção d'is auctoridades competentes afim de lhes infligir o castigo devido. Para não perturbar a ordem publica, diz a auctoridade!

Que per urba a ordem a que allude senão as ordens absurdas como as que foram dadas por essa auctoridade que ainda que indirectamente vae comprometter o sr. governador civil?!

Real sou se no dia 29 de novembro n'esta villa a eleição parochial que tendo um principio serio como é de razão, acabou por se tornar um pouca picaresca.—Estando a meza eleitoral o presidente pelo mesmo Gualberto e repleta de electores quasi todos regeneradores, com çou pelo parcho delegar os seus poderes no sah istão e não haver urna para principiar, o acto eleitoral! Lembrou-se então o presidente de recorrer a um chipeu cu mandar buscar uma caixa que tivesse servido de bolachis onde se desitassem as listas.

Assim procedem; mas... Oh! Deus do ceu!... Trouxeram-lhe em vez da dita caixa uma urna com um enorme letreiro dourado onde dizia—Café!!—Deste modo, ficou aquelle lugar convertido em mercearia e o presi lente em me ceiro que vendeo tantos freguezes junctos do balcão e não sendo dos seus, fugio espavorido! Eram nem mais nem menos do que 16 e dos seus nem sequer um lhe apparecia! Cruel decepção!...

Notámos porem logo a principio er eleição que o menino president não recusava os reformados nem os que n'eleição de 1 e 2 do passado tinham recusado os mantergates d'essa eleição. Seria por se ter descoberto que n'essa occasião foi votor um tal Damiao Ribeiro de Caella que se acha pronunciado pelo crime de roubo mas que é progressista? E' verdade que elle dizia que tinha recebido 500 reis pelo voto e que não tinha duvida em ir votar visto que se tinha ido aconselhar com o sr. Juiz, o que não querem os acadoticos.

O Canud. está da vez má em peço mortal mentindo de cara lamente ou então anda sempre mal informado. Naça que descreve no dia 26 a respeito da entrega da camara de Castro Marin é verdade. Nós que assistimos a esse acto solmente cousa alguma vimos em qu' falta se a serie nade. As 12 horas da manhã entrou d'aquella vil-

CAFÉ ESMERALDA

DE

IGNACIO A. DE SOUSA BRANCO

FARO

O mais antigo, afreguezado e bem
fornecido da provincia.

Optimo serviço de meza redonda
Fornece almoços e jantares para fora

Preços excessivamente baratos

OURIVESARIA LOPES
FARO

VARIADO e completo sortimento, ultimas novidades nacionaes e estrangeiras em objectos de ouro, prata e relógios de todas as qualidades por preços bastante modicos.

Especialidade em cordões de ouro e artigos proprios para brindes
Compram-se libras em ouro e recebe-se, em troca, ouro e prata usada
Recebem-se em com. m. d. e concertos de quaesquer objectos de ouro ou prata.

João Lopes do Rosario

14

JOSÉ MARTINS DA CUNHA

Solicitador registado nos tribunales de Faro, Loulé e outros

Agente da «Remington» machina de escrever
Agente de «A nacional» seguros de vida

AGENTE DE COMMERCIO

Procede a cobrança de rendas, dividas e informações de firmas de todo o paiz

NEGOCEIA CONCORDATAS

«Stock» permanente de arroz hespanhol, amendoim e carbureto de calcio

Oleos para a industria e luzes. Productos pharmaceuticos, etc.

Cofres, Prensas, Caixas Fortes, etc.

EXPOSIÇÃO PERMANENTE NO ESCRITORIO DO AGENTE NO ALGARVE

Praça D. Francisco Gomes, 5—FARO

ENDEREÇO TELEGRAPHICO — CUNHA — PROCURADOR

Filial em Loulé, Praça, 51—1.

37

F. J. PINTO JUNIOR & C.^A

SUCCESSORES DE FRANCISCO J. PINTO
Casa fundada em 1871

Estabelecimento de ferragens, drogas, tintas, vidros, louças nacionaes e estrangeiras, louça de ferro esmaltado e aluminio, candieiros, jarros, crystaes, papelaria e artigos d'escriptorio.

Leitos e lavatorios de ferro, Oleados de cortiça para chão, Oleados para mesas, Tapetes para chão e mesa, Campainhas e todos os pertences para instalações electricas, Cimento portland, Mosaicos e Azuleijos

Sempre grande e variado sortido
de objectos proprios para brindes

ESTABELECEMENTO DE CALÇADO

DE

Francisco Ignacio Aleixo

COMPLETO e variado sortimento de calçado para homens senhores e creanças. Fabricação esmerada e garantida, por preços modicos.

37, 41 e 43-Rua de Santo Antonio-37, 41 e 43

FARO

HAVANEZA PHENIX

DE

TAVARES BELLO & FILHOS

FARO

Este estabelecimento é um dos primeiros do Algarve, tem um variado sortimento de tabacos nacionaes e estrangeiros, papelaria, artigos de desenho a pintura, livraria, vinhos e licores finissimos, perfumarias, artigos e toilette, lotaria e bilhetes postacs illustrados etc.

Preços reduzidos

BRINDESAOS SEUS FREGUEZES



F. D. TAVARES BELLO JUNIOR

AVALIADOR OFFICIAL

Ourivesaria Tavares Bello & Filho

OURIVES FABRICANTES

Casa fundada em 1850

R. D. Francisco Gomes, 15 17 e 19

N'este estabelecimento o mais antigo do Algarve, encontra-se um variado sortimento em objectos d'ouro e prata, que se vendem por preços baratissimos, assim como outro e prata para bordar, galões para militares oculos, lunetas, campainhas electricas, etc., etc.

Temos officina onde se executam todos os trabalhos
pertencentes à sua industria.

PREÇOS MODICOS 40

CARBURETO DE CALCIO ITALIANO

De 1.^a qualidade

PREÇO CORRENTE

Tambores com 100 killos	réis	8:000
Caixas » 50 »	»	4:000

FARO, 31 DE AGOSTO DE 1908

MODESTO GOMES REYES



TALHO N.º 2 JOÃO DA SILVA

Carne de vacca para biffes kilo	500	réis
Carne de vacca sem osso	400	»
Pá, alcatra, etc	280	»
Peito, abas, etc	240	»
Carneiro: perna e costellas	240	»
Pá e peito	220	»

Para beneficiar o publico de Faro, este talho conserva-se aberto até ás 6 horas da tarde, excepto aos domingos e dias sanctificados, que fechará ás 3.

SUCCURSAL DA DROGARIA PENINSULAR

(FARO)

RUA D. FRANCISCO GOMES, 18 A 22

DEPOSITO—RUA AZEVEDO COUTINHO, 19 A 27

DROGARIA, TINTAS, OLEOS, VERNIZES, PINCEIS, FERRAGENS, QUINQUILHARIAS, PERFUMARIAS ESTRANGEIRAS, LOUÇAS DE ALUMINIO, DE FERRO ESMALTADO, FUNDIDO ESMALTADO E ESTANHADO, OLEADOS PARA MESA E DE CORTIÇA, MOSAICOS, AZULEJOS, PASSAPEIRAS, TAPETES, PAPEL, LIVROS, EM BRANCO E TODOS OS ARTIGOS PARA ESCRITORIO E DESENHO, OBJECTOS PARA BRINDES, CANDIEIROS, VIDROS, VIDRAÇA, ALCOOL, AGUAS MINERAIS, APPLICAS PARA PHOTOGRAPHIA, ETC.

PRODUCTOS CHIMICOS E MEDICINAES

Deposito de enxofre, sulfato de cobre, cimento portland e carbureto de calcio portuguez de 1.^a qualidade, rendimento superior 15 a 20% sobre o italiano, em tambores de ferro revestidos de madeira.

139

DAVID SABATH

Pensionato escolar

Recebem-se estudantes que frequentem o lyceu e escola districtal. Dirijir a Antonia Tavares, Largo de S. Francisco n.º 20 A. Ao lado reside applicador habilitado em todas as disciplinas d'instucação secundaria, onde os interessados podem receber o preparo de suas lições.

Aos commerciantes

Escreptas commerciaes por partidas simples e dobradas. Fõem-se em dia escreptas a traz das e continuam-se. Organizam-se novas. Balanços, inventarios, exemes e confrencias. Representações de fiancias, concordatas etc. Indica-se n'esta redacção.

Antonio do Carmo Bentes

Constructor de gazometros, aparelhos purificadores e candieiros para acetylene. Gazometros automaticos, os mais faccis, praticos e economicos até hoje conhecidos. PREÇOS SEM CÔMPETENCIA

Rua Azevedo Coutinho

FARO

10

SAPATARIA

DE

FRANCISCO DOS SANTOS GUERREIRO

Em virtude do colossal sortimento de calçado, tanto para homem como de senhora e creança, que n'esta epocha expõe á venda por preços fóra de competencia, participa aos seus freguezes e ao publico que tem um variadissimo sortido de sapatos de lona para homem e senhora ao preço de 600 e 800 réis.

Tambem vende todos os artigos da sua arte.

Rua de Santo Antonio—43

FARO

OFFICINAS

DE CANTEIRO E ESCULPTURA

DE

JOSÉ MARIA PAUL'NO FERNANDES

Encarrega-se de todo o trabalho pertencente à sua industria. Jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banchiras, bancadas, marmore paramoveis etc.

Rua Condeheiro José Luciano de Castro.

FARO

PHAETON-BREAK

VENDE-SE, construcção ingleza, quasi novo. Dirijir a Abraham Amram—FARO. 102

JOÃO GASPAR

ENCADERNADOR

Travessa Castilho 13.—FARO

MARCENARIA NOBRE

7, 9, rua de Santo Antonio, 19, 21

FARO

Manoel José Nobre

MANUFACTOR DE MOVEIS EM TODOS OS GENEROS. Em exposição permanente, ha sempre grande sortimento de mobílias e moveis diversos.

Importação directa das fabricas: de oleados, espelho, baguettes, jutas, vitrus, stores, summa, crinas, burretes, tapetes, mobiliario em ferro, todos os generos, e de todos os artigos de novidades.

RECEBEM-SE ENCOMMENDAS DE TODOS OS PONTOS DA PROVINCIA

Preços sem competencia

PIANOS

Em exposição permanente, pianos do auctor Lubetz, muito conhecidos e acreditados na provincia do Algarve. 4

CHARRETE

VENDE-SE uma, moderna, quasi nova, muito barata.

Trata-se na rua da Caridade n.º 16, em Tavira.

Nova Sapataria

DE

ANTONIO DOS SANTOS GUERREIRO

50—RUA BAPTISTA LOPES—50 A

FARO

ESTE estabelecimento, um dos que melhor e mais economicamente serve os seus freguezes, está habilitado a fornecer qualquer encomenda de calçado, tanto para homens como para senhoras e creanças.

Tem em exposição um variado sortido de sapatos que, como brinde aos seus freguezes, vende a 600 e 800 réis,

E'APROVETAR

124